

Projeto permite que fundações administrem hospitais do DF

MARCOS BRANDÃO

Priscila Machado

Hospitais da rede pública de saúde do DF poderão ser administrados por fundações de direito privado, caso seja aprovado na Câmara Legislativa um projeto de lei complementar. Pela proposta, as fundações receberão verbas da Secretaria de Saúde e também terão autonomia para criar receita própria. Além disso, os médicos e demais funcionários serão contratados por meio de concurso público celetista, ou seja, perderão a estabilidade e serão regidos pela CLT.

Na quinta feira, o secretário de Saúde, José Geraldo Maciel, entregou o projeto ao presidente da Câmara Legislativa, Alírio Neto. A expectativa é de que o projeto seja votado ainda este ano. O modelo proposto será o mesmo adotado pelo governo federal no Hospital Sarah Kubitschek e no Incor/DF, administrados, respectivamente, pela Associação das Pioneiras Sociais e pela Fundação Zerbini.

O secretário José Geraldo Maciel assegura que a medida vai melhorar os serviços de saúde prestados à população.

— O Sarah Kubitschek, por exemplo, é referência internacional quanto à qualidade dos serviços prestados. A possibilidade de que o hospital seja administrado por uma fundação permitirá uma flexibilidade maior do que a administração direta, o que diminuirá a burocracia — disse.

Caso o projeto seja aprovado, um contrato será assinado entre o governo e a fundação responsável pela gestão do hospital. No convênio, serão estabelecidas metas, como por exemplo, o número de cirurgias e de pacientes que devem ser atendidos. Caso a instituição não alcance os objetivos previstos, perderá administração do hospital.

A fundação receberá verbas da Secretaria de Saúde e poderá também estabelecer convênios para criar receita própria. Os funcionários serão regidos pela CLT.

— Os médicos terão melhores salários. A Secretaria de Saúde paga hoje um salário estabelecido por lei. A fundação poderá flexibilizar salários, pagar o valor de mercado. O médico terá um

salário melhor, por isso terá que ter dedicação exclusiva. acabará com isso do médico ter dois, três empregos. Por isso o médico prestará um melhor atendimento à população — disse Maciel.

O deputado distrital Chico Leite (PT-DF) critica o projeto. Para ele, o GDF transfere para a iniciativa privada uma obrigação que é do governo.

— Os funcionários da saúde perderão direitos trabalhistas, poderão ser demitidos a qualquer momento. Além disso, como será a fiscalização dos recursos administrados por esta fundação? — questionou.

Para o deputado, nem o Sarah Kubitschek nem o Incor/DF são bons exemplos a serem seguidos.

— O Sarah não propicia atendimento a todo cidadão, mas somente a poucos privilegiados. Já quanto ao Incor, a sociedade sabe os problemas que o hospital enfrenta — disse, referindo-se ao fato de que, em maio deste ano, o hospital quase parou de funcionar, devido à crise financeira en-

Para a oposição, proposta transfere para a iniciativa privada obrigação que é do governo

frentada pela Fundação Zerbini.

Caso o projeto seja aprovado na Câmara, o Hospital de Santa Maria, previsto para ser inaugurado em abril do ano que vem, deve ser o primeiro a contar com o novo sistema de gestão. O Hospital Pediátrico, que deve ficar pronto em março de 2008, também deve adotar o modelo.

O Hospital Pediátrico atenderá crianças e adolescentes portadores de câncer. Os recursos para a construção do hospital vieram da iniciativa privada, da Associação Brasileira de Assistência às Famílias de Crianças Portadora de Câncer (Abrace). A rede McDonald's também financiou a obra, com o dinheiro arrecadado com a venda de sanduíches no *Mc Dia Feliz*, promovido anualmente. O terreno em que o hospital é erguido, ao lado do Hospital de Apoio, foi cedido pelo GDF.



José Geraldo Maciel: mudança melhorará a qualidade dos serviços

■ Escolas vão mostrar como evitar a Aids

De acordo com o Ministério da Saúde, de 1980 a junho de 2007, foram notificados 474.273 casos de Aids no país. Hoje, Dia Mundial de Luta contra a Aids, 300 alunos do ensino médio de escolas públicas do DF entram na luta contra a doença.

Os estudantes participarão da formação de um laço humano, no formato do símbolo do combate à Aids, na Torre de TV. Será às 9h. A presença dos estudantes reforça o slogan do Ministério da Saúde para este ano, que tem como foco principal jovens entre 14 e 24 anos: *Sua atitude tem muita força na luta contra a Aids*. Tendas de ONGs vão expor trabalhos manuais, artísticos e de prevenção, realizados durante o ano.

Durante a semana, a Gerência de Doenças Sexualmente Transmissíveis/Aids da Secretaria de Saúde do Distrito Federal promove uma série de atividades com o objetivo de mostrar as formas de se enfrentar a doença e as estratégias de prevenção.

Cinco escolas públicas de diferentes Regionais de Ensino Médio do Distrito Federal, entre elas Taguatinga, Gama e São Sebastião, participaram de ações educativas no decorrer desta semana. Foram seis oficinas e uma apresentação teatral, em cada escola, com temas relacionados à orientação e prevenção da Aids. As ações tiveram a participação de voluntários da ONG Educando para a vida e alunos da UnB.

Conforme boletim epidemiológico da Secretaria, as localidades do Distrito Federal com os maiores coeficientes de incidência da Aids, no período de 2004 a 2007, foram, em ordem decrescente: Asa Norte, Cruzeiro, Candangolândia, Guará, Lago Norte e Taguatinga. Nesse mesmo período, 21,4 % dos casos diagnosticados no Distrito Federal foi de residentes em outros estados, principalmente Goiás.

A categoria de exposição heterossexual permanece — ao menos pelas estatísticas oficiais, baseadas exclusivamente em declaração dos doentes — como a mais frequente entre os casos notificados (45,6% em 2006), seguida das categorias homossexual masculino (18,2%), bissexual masculino (10,1%), e usuário de droga injetável (6,1%).

Em 2006, a faixa etária com maior incidência específica de Aids foi a de 40 a 44 anos. O sexo masculino apresentou incidências específicas mais elevadas que as do sexo feminino em todas as faixas etárias, exceto na de menores de 4 anos e na de 50 a 54 anos.

A proporção homens/mulheres entre os casos de Aids apresentou quedas sucessivas até o ano 2000, quando chegou a dois para um. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), o Brasil tem uma epidemia concentrada, com taxa de prevalência da infecção pelo HIV de 0,6% na população de 15 a 49 anos.